

O ENFOQUE DA LINGUAGEM NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL¹

Maria Aparecida Lapa de Aguiar*

Resumo: No presente artigo, abordar-se-á o papel da linguagem no desenvolvimento humano a partir da perspectiva histórico-cultural. Será discutida a relação que se estabelece entre pensamento e linguagem e a conseqüente formação da consciência. Estabelecer-se-á a especificidade da linguagem escrita em sua complexificação, como o exemplo de um conceito científico, sob o ângulo dos pressupostos de Luria e Vygotsky. Por último, far-se-ão algumas considerações sobre a linguagem como constitutiva do processo de humanização, ou seja, são relações que o ser humano trava com a natureza no processo de trabalho.

Palavras-chave: Linguagem – Concepção histórico-cultural – Desenvolvimento humano.

Introdução

A linguagem, por ser extremamente importante para o ser humano, constitui-se, há muito tempo, em temática de interesse de várias áreas de estudo (filosofia, psicologia, lingüística...). Entretanto, é no século XX que ela se torna questão central de múltiplas e importantes correntes de pensamento. Chegamos ao final de tal século, com a convicção de que a 'linguagem' exprime não apenas um objeto qualquer da ciência, mas aponta para o problema dos fundamentos da ciência e da filosofia² (OLIVEIRA, 1996).

De fato, a "virada" filosófica em direção à linguagem define-se pela tese de que esta é o espaço de expressividade do mundo, sendo impossível pensar sobre algo sem pensar a linguagem. Por isso, a filosofia contemporânea deixa de priorizar apenas as questões sobre a natureza ou a essência das coisas ou dos entes (ontologia), ou a reflexão sobre as representações ou conceitos da consciência ou da razão (teoria do conhecimento), e volta-se, sobretudo, para a significação ou o sentido das expressões lingüísticas (análise da linguagem). (OLIVEIRA, 1996)

Assim, a tradicional teoria do conhecimento, centro das atenções da filosofia moderna nos últimos séculos, vem sendo substituída pela filosofia da linguagem, que tem como eixo a reflexão sobre as condições lingüísticas do conhecimento humano. Nessa perspectiva, o conhecimento não é mais compreendido como relação sujeito objeto, mas produto de um processo interativo cujo centro das discussões é a relação sujeito sujeito. O modelo passa a ser a "intersubjetividade" mediada pela linguagem (OLIVEIRA, 1996, p. 254).

A ênfase na linguagem é de tal ordem que se convencionou ter ocorrido uma "virada lingüística" na filosofia e nas ciências sociais. Em seu extremo, como no caso de certas posições pós-estruturalistas, propõe-se uma anterioridade da linguagem em relação ao real que a "descola" da realidade e transforma o mundo real em um jogo intertextual. Segundo Moraes e Duayer (1997, p. 110-111), "[...] é próprio à 'agenda pós-estruturalista' estabelecer uma mudança de eixo, um 'salto' da realidade para a linguagem como agente constitutivo da consciência humana e da produção social do sentido [...]" e, assim, a comunicação passa a ser feita "[...] por 'elementos de narrativa', por

uma série de textos em intercessão uns com os outros, nos quais se produzem novos textos, outros, indefinidamente, em um processo contínuo de cortes e reatamentos sempre em diferentes combinações”.

Não é nossa intenção aprofundar essas questões controversas, mas, precisamos enfatizar que é inegável que a linguagem tornou-se uma questão central e praticamente transformou-se “[...] em interesse comum de todas as disciplinas filosóficas da atualidade” (OLIVEIRA, 1996, p. 11), suscitando muitas indagações e posicionamentos teóricos divergentes.

Vale ressaltar que o interesse do ser humano pela linguagem não é recente. Chauí (1997) remete-nos a alguns clássicos em cujas obras já se podiam vislumbrar reflexões sobre a linguagem. Aristóteles, por exemplo, na abertura de sua obra, *Política*, afirmou que somente o homem é um “animal político”, porque somente ele é dotado de linguagem, possui a palavra (logos) e com ela exprime o bom e o mau, o justo e o injusto.

Ainda segundo a autora, no diálogo *Fedro*, Platão afirmou que a linguagem é um *Pharmakon*, palavra grega que se traduzia por “poção”, e possuía três sentidos principais: remédio, veneno e cosmético. Sendo assim, segundo Platão, a palavra tanto poderia ser um “medicamento”, pois nos ajudaria a sair da ignorância, quanto um “veneno”, pois poderia nos seduzir e nos levar a aceitar coisas sem questionamento. A linguagem poderia servir também como uma “maquiagem”, que dissimularia ou mascararia a verdade sob as palavras.

Chauí (1997) indica, ainda, que, na própria Bíblia judaico-cristã, no mito da “Torre de Babel”, aparece a idéia de linguagem também com sentidos distintos: comunicação-conhecimento, quando os homens falavam uma língua em comum, e dissimulação-desconhecimento, quando a pluralidade das línguas apareceu como punição porque os seres humanos ousaram construir uma torre que alcançasse o céu.

A autora lembra que, para referir-se à palavra e à linguagem, os gregos possuíam duas formas: *mythos* e *logos*. A primeira significava narrativa sobre a origem dos deuses, do mundo, dos homens etc., discurso pronunciado em momentos sagrados ou de relação com o sagrado. O mito era incontestável e inquestionável. Extrapolava a

simples narrativa, era uma maneira de os seres humanos organizarem e interpretarem a realidade que lhes dava sentido. E a segunda, *logos*, era uma síntese de três idéias: fala/palavra, pensamento/idéia e realidade/ser. *Logos* era palavra racional do conhecimento da realidade. Poderia ser discurso por ser argumento e prova, ou pensamento, por ser raciocínio e demonstração ou, ainda, poderia ser realidade, por servir denexo universal necessário entre os seres. Nesse contexto, *logos* era linguagem entendida como poder de conhecimento racional, e as palavras eram conceitos ou idéias, referidas ao pensamento, à razão e à verdade.

Concluindo sua reflexão sobre a linguagem, Chauí apresenta sua própria perspectiva, afirmando que a linguagem, como criação humana, é a forma de acessar o mundo e o pensamento e, mediante a linguagem, tornamo-nos seres sociais e culturais:

Dizer que somos seres falantes significa dizer que temos e somos linguagem, que ela é uma criação humana (uma instituição sócio-cultural), ao mesmo tempo que nos cria como humanos (seres sociais e culturais). A linguagem é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento, ela nos envolve e nos habita, assim como a envolvemos e a habitamos. Ter experiência da linguagem é ter uma experiência espantosa: emitimos e ouvimos sons, escrevemos e lemos letras, mas, sem que saibamos como, experimentamos sentidos, significados, significações, emoções, desejos, idéias. (CHAUI, 1997, p.147)

A linguagem é, assim, simbólica, isto é, representa ou exprime coisas materiais, idéias, pessoas, valores. Permite lidar com objetos do mundo exterior, mesmo ausentes, possibilita abstração e generalização. Isto é, através da linguagem, é possível compreender e apreender as características dos fatos e objetos da realidade:

O mundo suscita sentidos e palavras, as significações levam à criação de novas expressões lingüísticas, a linguagem cria novos sentidos e interpreta o mundo de maneiras novas. Há um vai-e-vem contínuo entre as palavras e as coisas, entre elas e as significações, de tal modo que a realidade, o pensamento e a linguagem são inseparáveis, suscitam uns aos outros e interpretam-se uns aos outros (p. 149).

A partir dessas considerações, nosso intuito, neste artigo, é resgatar a importância da linguagem para o desenvolvimento humano, sem “descolá-la” das relações sociais que a fizeram surgir e que a tornaram tão complexa. Ao contrário, entendê-la como parte constitutiva do processo humano e, portanto, acreditando que a discussão sobre essa temática é primordial para a educação. Sendo assim, fazem-se presentes algumas questões preliminares: o que é a linguagem? Como surge? Como o ser humano se apropria da linguagem? Que relações a linguagem estabelece com a consciência? Quais são as peculiaridades da linguagem em sua forma escrita?

Situando-nos a partir da perspectiva histórico-cultural, discutiremos alguns enfoques que julgamos importantes sobre a apropriação da linguagem e o seu papel no desenvolvimento humano, como pano de fundo primordial para o debate sobre os processos de ensino/aprendizagem da língua escrita nas instituições escolares. Para tanto, dividimos esta explanação em três subtítulos: o Surgimento da linguagem na concepção histórico-cultural; a Linguagem escrita e suas particularidades; e considerações finais.

O Surgimento da Linguagem na Concepção Histórico-Cultural: Contribuições de Luria e Vygotsky

Ao se pensar em “linguagem humana”, pensa-se em expressão humana, que pode abranger uma diversidade bastante grande de manifestações. Expressa-se linguagem através do gesto, do movimento do corpo, da expressão facial, da oralidade, do desenho, da escrita. Cada uma dessas manifestações de linguagem apresenta peculiaridades próprias que as caracterizam de maneiras distintas. Entretanto, entre elas há sempre uma relação comum, são constitutivas do processo humano, expressam a maneira de ser, de pensar, de agir, próprias de homens e mulheres – seres históricos.

Reafirmamos que o posicionamento teórico adotado se dá a partir da perspectiva histórico-cultural e para tanto, nos respaldaremos em alguns autores, como Luria e Vygotsky, que defendem a tese de que o surgimento da linguagem ocorreu a partir das tentativas de

comunicação contraídas pelos seres humanos através do trabalho (atividade humana consciente), ou seja, a linguagem é parte constitutiva do processo de humanização³.

Segundo Luria (1991), o ser humano, em sua relação com a natureza, na sua luta pela sobrevivência, sentiu a necessidade de transmitir a outros certas informações necessárias ao andamento do processo laboral coletivo. A princípio, os sons que começavam a indicar determinados objetos ainda não tinham existência autônoma, estavam imbricados na atividade prática, eram acompanhados de gestos e entonações expressivas, razão porque “[...] só era possível interpretar o seu significado conhecendo a situação evidente em que eles surgiam” (p.79). Além do mais, nesse complexo de meios de expressão, eram determinantes os atos e gestos, estes constituíam os fundamentos de uma original linguagem ativa ou “linear” e só bem mais tarde, o papel determinante passou a ser desempenhado pelos sons, que propiciaram a base para uma evolução paulatina de uma linguagem de sons independentes.

No entanto, durante muito tempo, essa linguagem manteve a mais estreita ligação com o gesto e o ato, e por isso, o mesmo complexo de sons podia designar o objeto para o qual a mão apontava, a própria mão e a ação produzida com esse objeto. Só depois de muitos milênios, a linguagem dos sons começou a separar-se da ação prática e adquirir independência. Surgiram, então, as primeiras palavras autônomas que designam objetos e, mais tarde, passaram a servir para distinguir as ações e as qualidades dos objetos. “[...]surgiu a língua como um sistema de códigos independentes, que durante um longo período histórico posterior de desenvolvimento assumiu a forma que distingue as línguas atuais” (p. 80).

A linguagem, vista como um sistema de códigos que designam os objetos, suas ações, qualidades ou relações e que serve de meio de transmissão de informação, teve importância decisiva para a posterior reorganização da atividade consciente do ser humano.

Na concepção de Luria, o surgimento da linguagem imprime, pelo menos, três mudanças essenciais à atividade consciente do ser humano. A primeira dessas mudanças diz respeito ao fato de que, designando os objetos e eventos do mundo exterior com palavras

isoladas ou combinadas, a linguagem permite discriminar esses objetos, dirigir atenção para eles e guardá-los na memória. Sendo assim, o ser humano está em condições de lidar com esses objetos do mundo exterior, inclusive quando eles estão ausentes. Por isso, pode-se dizer que “a linguagem duplica o mundo perceptível, permite conservar a informação recebida do mundo exterior e cria um mundo de imagens interiores” (p. 80).

A segunda dessas mudanças consiste em que as palavras de uma determinada língua, além de indicarem determinadas coisas, abstraem as propriedades essenciais destas e as relacionam a determinadas categorias. Dessa maneira, assegura-se o processo de abstração e generalização, o que representa a segunda contribuição fundamental da linguagem para a formação da consciência. Sendo assim, através da palavra, o ser humano efetiva o trabalho de análise e classificação dos objetos. Isso faz com que a linguagem torne-se não apenas meio de comunicação, mas também o veículo mais importante do pensamento, que assegura a transição do sensorial ao racional na representação do mundo.

A terceira mudança essencial na formação da consciência é que a linguagem é o veículo fundamental de transmissão de informação, que se formou na história social da humanidade. Ao transmitir a informação mais complexa, produzida ao longo de muitos séculos de prática histórico-social, a linguagem permite ao ser humano apropriar-se dessa experiência e através dela, dominar conhecimentos, habilidades e modos de comportamento que jamais seriam resultado da atividade independente de um indivíduo isolado. Isso significa que o surgimento da linguagem desencadeia no ser humano um tipo novo de desenvolvimento do psiquismo, desconhecido nos outros animais, e que a linguagem é o meio mais importante de desenvolvimento da consciência.

O que faz com que a linguagem seja importante para a formação da consciência é o fato de que ela penetra em todos os campos da atividade consciente do ser humano, elevando a um novo nível o desenvolvimento dos processos psíquicos. A linguagem reorganiza substancialmente os processos de percepção do mundo exterior, muda essencialmente os processos de atenção do ser humano, altera os

processos da memória. A linguagem torna-se, pela primeira vez, atividade mnemônica consciente, na qual o ser humano coloca fins especiais de lembrar, organiza o material a ser lembrado e acha-se em condições não só de ampliar o volume de informação que se mantém na memória, como ainda de voltar-se para o passado e selecionar o que lhe convém.

Esse processo de complexificação da linguagem ao longo da história humana nos remete à discussão que faremos a seguir sobre as relações entre linguagem e pensamento.

Linguagem e pensamento: um complexo intercâmbio

Vygotsky⁴ denomina de “pensamento verbal” a interseção entre linguagem e pensamento e afirma que o caminho do pensamento à sua verbalização nunca é direto, visto que se trata de um caminho mediado, externamente, pelos signos e, internamente, pelos significados:

Esse caminho consiste na mediação interna do pensamento, primeiro pelos significados e logo pelas palavras. O pensamento nunca equivale ao significado direto das palavras. O significado medeia o pensamento em seu caminho até a expressão verbal, quer dizer, o caminho do pensamento à palavra é um caminho indireto e mediado internamente (VYGOTSKY, 1993 [1934], p. 342)⁵.

O autor afirmou também que o pensamento não é a última instância desse processo, ele nasce a partir de uma tendência afetivo-volitiva, ou seja, o pensamento é determinado por um conjunto de motivações: necessidades, interesses, impulsos, afetos, emoções. Para entendermos a linguagem alheia, não é suficiente entender as palavras, precisamos compreender o pensamento do interlocutor.

A partir dessas considerações, o autor nos remete a um problema ainda mais complexo, que é o da formação da consciência⁶:

O pensamento e a linguagem são a chave para compreender a natureza da consciência humana. Se a linguagem é tão antiga como a consciência, se a linguagem é a consciência que existe na prática para os demais e, por conseguinte, para si mesmo, é

evidente que a palavra tem um papel destacado não somente no desenvolvimento do pensamento, e sim também no da consciência em seu conjunto (p. 346).

Vygotsky considerou a palavra significativa como a expressão mais direta da natureza histórica da consciência humana, como o locus do pensamento verbal, o microcosmos da consciência humana. Partindo do papel da significação da palavra como manifestação de um ato verbal do pensamento, a trajetória vygotskiana indicou o caminho da formação de conceitos⁷: “A diferenciação entre o significado e o som, entre a palavra e o objeto e entre o pensamento e a palavra são fases necessárias na história do desenvolvimento do conceito” (VYGOTSKY, 1993 [1934], p. 344).

A comunicação, que se baseia na compreensão racional e na transmissão premeditada do pensamento, utiliza-se de um sistema de meios que tem sido, é e será a linguagem humana, surgida da necessidade de comunicação no trabalho.⁸ Essa comunicação pressupõe a generalização e o desenvolvimento do significado verbal. Nas palavras de Vygotsky, “[...] as formas superiores de comunicação psíquica, próprias do homem, são unicamente possíveis graças a que este, com ajuda do pensamento, reflita a realidade de forma generalizada” (p. 22).

Nesse contexto, a palavra apresenta-se, a princípio, como uma generalização bastante elementar, e à medida que o ser humano se desenvolve, os processos de generalização vão se complexificando, alcançando, posteriormente, a formação de autênticos conceitos que estão sempre em movimento, alterando-se, revendo-se. **De acordo com Vygotsky:**

O processo de desenvolvimento dos conceitos ou dos significados das palavras exige o desenvolvimento de uma série de funções (a atenção voluntária, a memória lógica, a abstração, a comparação e a diferenciação), de modo que uns processos psíquicos tão complexos não podem ser aprendidos e assimilados de maneira simples (p. 185).

Ao fazer tal consideração, Vygotsky fez uma crítica que é pertinente para as discussões pedagógicas atuais: trata-se da experiência pedagógica que se baseia no ensino direto dos conceitos, que recai em um simples

verbalismo. Nesses casos, a criança não adquire conceitos, e sim, palavras “ocas”, desprovidas de significado, utiliza muito mais recursos de memória do que de pensamento.

De acordo com Vygotsky, o caminho percorrido pela criança desde o primeiro conhecimento que estabelece com um novo conceito, até o momento em que se apropria da palavra e do conceito, constitui-se como um complicado processo psíquico interno. O autor estabeleceu uma diferenciação entre os conceitos cotidianos, adquiridos na experiência informal, e os científicos, desenvolvidos a partir da instrução escolar.

Não é o propósito, deste trabalho, entrar nas especificidades de um e outro conceito ou na relação que estabelecem entre si. Entretanto, não há como desconsiderar a complexidade que os envolve. O autor indicou que através dos conceitos científicos, por sua nova estrutura de generalização, estabelece-se a tomada de consciência. O conceito científico pressupõe uma outra forma de relação com o objeto, mais consciente e mais complexa, mediatizada por outros conceitos, compondo um verdadeiro sistema de relações.

No próximo subtítulo, abordaremos a linguagem escrita como um exemplo de conceito científico, a partir do que oferece Vygotsky e que pode contribuir para as reflexões sobre essa possibilidade específica de manifestação da linguagem.

A linguagem escrita e suas particularidades

Essa linha de raciocínio, até o momento, tem mostrado a relevância que possui a linguagem para o desenvolvimento humano. É fator fundamental que facilita o estabelecimento de uma nova relação do ser humano com o que o rodeia, sejam outros seres humanos ou a natureza em geral. Poder utilizar-se da linguagem como forma de organização do pensamento, planejamento e comunicação, concede ao ser humano uma perspectiva para além do imediato.

Os seres históricos têm uma trajetória marcada pela linguagem que se apresenta cada vez mais complexa. Na época em que vivemos, no âmbito educacional, particularmente, a ênfase é dada a uma manifestação específica de linguagem – a escrita - que possui

determinadas peculiaridades e um lugar específico para que ocorra sua apropriação: a instituição escolar.

Para Vygotsky, o aprendizado da linguagem escrita é um exemplo do processo de elaboração de um conceito científico. Para o autor, a linguagem escrita não é a simples tradução da linguagem oral em signos e o domínio da escrita não se reduz a assimilar simplesmente a técnica de escrever. Trata-se de uma função totalmente especial da linguagem, distinta da oralidade por sua estrutura e modo de funcionamento.

Vygotsky, em sua época, fez algumas considerações sobre a língua escrita que ainda são bastante oportunas para os dias atuais. Ele criticou o papel insignificante que ocupava a escrita na prática escolar em comparação ao enorme papel que desempenhava no processo de desenvolvimento cultural da criança (VYGOTSKY, 1995 [1931]). As instituições escolares, em sua época, davam ênfase ao traçado das letras e à formação de palavras, porém, não ensinavam verdadeiramente a linguagem escrita e, por conseguinte, essa aprendizagem não ultrapassava os limites da tradicional ortografia e caligrafia. A escrita era vista como um hábito motor complexo, um problema do desenvolvimento muscular das mãos, uma questão de linhas pautadas. Não podemos deixar de salientar que há resquícios bastante fortes em nossos dias em relação a essas questões. Ao contrário, Vygotsky (1995 [1931]) afirmou que a linguagem escrita se constitui em um sistema especial de símbolos e signos, cujo domínio significa uma virada crítica em todo o desenvolvimento cultural da criança. O significado do domínio da linguagem escrita, para a criança, corresponde ao domínio de um sistema de signos simbólicos extremamente complexos.

Vygotsky concordou com Delacroix⁹ em sua afirmação de que o sistema de escrita representa um simbolismo de segunda ordem que se transforma em um simbolismo direto. Ou seja, a linguagem escrita é formada por um sistema de signos que identificam, convencionalmente, os sons e as palavras da linguagem oral que são signos de objetos e relações reais. O nexa intermediário à linguagem oral pode extinguir-se gradualmente e a linguagem escrita, assim, pode se transformar em um sistema de signos que simboliza diretamente os objetos designados (VYGOTSKI, 1995 [1931]).

Dessa maneira, ele conclui ser evidente que o domínio da linguagem escrita é o resultado de um longo desenvolvimento das funções superiores¹⁰ do comportamento infantil. Para que a criança chegue a esse descobrimento fundamental, deve compreender que não somente se podem desenhar as coisas, como também a linguagem. Esse foi o descobrimento que levou a humanidade ao método genial da escrita por letras e palavras. Esse fato equivaleria a passar do desenho de objetos ao de palavras.

Detendo-nos na história do desenvolvimento da linguagem escrita na criança, deparamo-nos com as metamorfoses mais inesperadas, com a transformação de formas de linguagem escrita em outras. Nas palavras de Vygotsky, de comum acordo com Baldwin,¹¹ o desenvolvimento da escrita não se dá linearmente, é tanto evolutivo quanto involutivo. Isso significa que, ao lado de processos de desenvolvimento de avanços e aparições de formas novas, produzem-se a cada passo processos regressivos, de extinção, de desenvolvimento inverso de formas antigas (VYGOTSKI, 1995 [1931]).

Todo processo de desenvolvimento cultural da criança, assim como todo o processo de seu desenvolvimento psíquico, se constitui em um modelo de desenvolvimento revolucionário. O próprio tipo de desenvolvimento cultural da conduta humana, produto da complexa interação do desenvolvimento orgânico com o meio cultural, representa um modelo de desenvolvimento revolucionário (VYGOTSKY, 1995 [1931]).

O domínio da escrita não deve ser considerado como uma forma de comportamento puramente externa, mecânica, e sim como um determinado momento no desenvolvimento da conduta que está vinculado geneticamente com tudo aquilo que o teria preparado e feito possível. Para Vygotsky (1993, p.185),

O desenvolvimento da linguagem escrita pertence à primeira e mais evidente linha do desenvolvimento cultural, já que está relacionada com o domínio do sistema externo de meios elaborados e estruturados no processo de desenvolvimento cultural da humanidade. Portanto, para que o sistema externo de meios se converta em uma função psíquica da própria criança, numa forma especial de seu comportamento, para que a linguagem escrita da humanidade se converta em linguagem escrita da criança, necessitam-se de complexos processos de desenvolvimento.

Na perspectiva do autor, a linguagem escrita possui uma longa história, complexa, que se inicia muito antes que a criança comece a estudar a escrita na escola. A primeira tarefa de investigação científica é a de descobrir a pré-história da linguagem escrita da criança, para que se possa conhecer as etapas preparatórias desse desenvolvimento.

As experimentações feitas a esse respeito (por Luria, por exemplo) demonstraram que as crianças de 3-4 anos não consideravam a escrita como um meio, ou seja, faziam anotações mecânicas, imitavam o adulto, não utilizavam suas anotações como signos mnemotécnicos. No entanto, esse fato logo se modificava. Linhas traçadas, exemplificando, passavam a ser signos indicadores primitivos para a memória. Essa etapa poderia ser considerada a primeira antecessora da escrita posterior. Aos poucos, linhas indiferenciadas eram substituídas por pequenas figuras e desenhos, depois pelos signos (VYGOTSKY, 1995 [1931]).

Na linha de raciocínio do autor, a história do desenvolvimento da escrita se inicia quando se manifestam os primeiros signos visuais na criança e se sustenta na mesma história do nascimento dos signos dos quais nasceu a linguagem. O gesto, precisamente, é o primeiro signo visual da futura escrita da criança. O gesto é a escrita no ar e o signo escrito, freqüentemente, um gesto que se afirma.

Vygotsky assinalou dois momentos que enlaçam geneticamente o gesto com o signo escrito. O primeiro momento está representado pelos rabiscos que a criança traça. Ao desenhar, passa freqüentemente à representação, assinala com o gesto o que tenta representar e o sinal deixado pelo lápis no papel não é mais que o complemento do que representa com o gesto. A criança desenha, a princípio, de memória. Representa, portanto, não o que vê, mas o que sabe. Desse modo, aparece o que Bühler¹² qualificou como desenho radiográfico, ou seja, no desenhar, por exemplo, uma casa, a criança desenha tudo o que tem lá dentro.

O desenho infantil é uma etapa prévia da linguagem escrita por sua função psicológica. Representa uma linguagem gráfica peculiar, um relato gráfico sobre algo. Quando a criança põe em seus desenhos a grande riqueza de sua memória, o faz como na linguagem, como se estivesse relatando. O desenho é uma linguagem gráfica nascida da

linguagem verbal. Essa etapa da linguagem, diferente da escrita, é simbólica em primeiro grau, pois a criança não representa as palavras, e sim os objetos e as representações de tais objetos (VYGOTSKY, 1995 [1931]).

Ainda segundo o autor, o segundo momento que forma o nexo genético entre o gesto e a linguagem escrita são os jogos infantis. Durante o jogo simbólico, uns objetos passam a significar outros ou os substituem. O que importa não é a semelhança entre o objeto e o que pretende significar, e sim a utilização funcional, a possibilidade de realizar, com sua ajuda, o gesto representativo. Nisso está a chave da explicação de toda a função simbólica dos jogos infantis.

Sendo assim, o jogo simbólico infantil poderia ser entendido como um sistema de linguagem muito complexo que, mediante gestos, informa e assinala o significado dos diversos objetos utilizados. O objeto, por si mesmo, adquire a função e o significado do signo graças ao gesto que lhe atribui tal significação. O significado, portanto, reside no gesto e não no objeto.

Vygotsky enfatizou que, já bastante cedo, as crianças produzem a designação verbal convencional do objeto. Elas entram em acordo entre si. Na idade, entre quatro e cinco anos, aproximadamente, forma-se uma conexão lingüística de extraordinária riqueza que explica, interpreta e confere sentido a cada movimento, objeto e ação por separado. Graças ao prolongado uso, o significado do gesto se transfere aos objetos e, durante o jogo, estes começam a representar determinados objetos e relações convencionais, inclusive sem os gestos correspondentes.

A semelhança dos objetos com o que vêm a significar não é a coisa mais importante. A cada novo significado, a estrutura habitual das coisas modifica-se por influência do novo significado que adquire. O aspecto mais importante é que a representação simbólica no jogo torna-se uma forma peculiar de linguagem indicativa de um possível caminho até a linguagem escrita.

Para Vygotsky, o jogo e o desenho deveriam ser etapas preparatórias para o desenvolvimento da linguagem escrita. Ele considerava muito grandes as rupturas e os saltos que se produziam quando se passava de um mecanismo a outro, para que a conexão dos

diversos momentos se manifestasse com suficiente evidência e claridade. O educador deveria ajudar a criança a perceber que “[...] não somente pode desenhar objetos, e sim também a linguagem” (VYGOTSKI, 1995 [1931], p. 203).

Para o autor, a linguagem escrita tem especificidades próprias e bastante distintas da oralidade, exigindo um alto grau de abstração, pois carece de um aspecto bastante importante da linguagem oral, que proporciona entonação e expressividade: a materialidade sonora. Esse aspecto modifica completamente a possibilidade de expressão da escrita em relação à oralidade e se torna um obstáculo na apropriação desse tipo específico de linguagem. Além do aspecto sonoro, há um outro complicador, a ausência de um interlocutor, que exige uma maior explicitação do que se pretende comunicar. Dessa forma, “[...]a linguagem escrita introduz a criança no plano abstrato mais elevado da linguagem, reestruturando com isso o sistema psíquico da linguagem oral estabelecido com anterioridade” (VYGOTSKI, 1993 [1934], p. 230).

Na apropriação da linguagem escrita, há a exigência da tomada de consciência da estrutura fônica das palavras, para que possam ser representadas em signos. A linguagem escrita obriga a criança a atuar de modo consciente sobre o próprio processo da fala e, conseqüentemente, eleva-se o desenvolvimento da linguagem a um grau superior.

Vygotsky pôs, dessa forma, a linguagem escrita na ordem de um conceito científico. Sendo assim, só poderia ser desenvolvida mediante intervenção pedagógica intencional, ou seja, através de processo de ensino que levasse a esse aprendizado: produto do desenvolvimento histórico-cultural dos seres humanos. O autor ressaltou, ainda, que devemos reconhecer que qualquer processo de instrução tem sua estrutura interna, sua sucessão, sua lógica de desenvolvimento e que também em cada ser humano que aprende, existe uma rede interna de processos que se movimentam durante a instrução escolar, porém, que possuem sua própria lógica de desenvolvimento.

Na perspectiva de Vygotsky, o bom ensino é aquele que parte do que a criança é capaz de realizar em colaboração com adultos ou

crianças mais experientes. Pois o que ela consegue fazer com ajuda em um determinado momento, poderá superar e fazer por si só, em outro. Para o autor: “A instrução unicamente é válida quando precede ao desenvolvimento. Então desperta e engendra toda uma série de funções que se achavam em estado de maturação e permaneciam na zona de desenvolvimento proximal” (1993 [1934], p. 243). A distância entre o que a criança é capaz de realizar sozinha (nível real) e o que ela é capaz de realizar com a ajuda de pessoas mais experientes (nível proximal) constitui o que Vygotsky denominou de “Zona de Desenvolvimento Proximal”.

Ao introduzir a idéia de uma educação que altera as relações entre aprendizagem e desenvolvimento, Vygotsky rompeu com uma forma linear de perceber o processo de desenvolvimento humano e apontou para o fato de que as funções psíquicas superiores só podem ser desenvolvidas pelo acesso aos meios culturais produzidos historicamente. Além do que, ressaltou uma categoria básica do processo de humanização – a mediação - ou seja, o aprendizado ocorre a partir de uma intervenção pedagógica consciente, assim, remetendo-nos ao papel que pode desempenhar o educador nos processos de ensino/aprendizagem.

Considerações finais

Nesse breve panorama, vimos que a linguagem constitui-se no curso da história social e permite aos homens e mulheres extrapolar os limites imediatos e interpretar o mundo por intermédio de relações complexas, generalizações e abstrações que se utilizam de representações semióticas. Surgida da necessidade de comunicação entre os seres humanos no processo do trabalho, ela é parte constitutiva do processo de humanização e transforma-se em fator decisivo no conhecimento humano.

Além de representar objetos e sensações do real, abstrai propriedades essenciais e as relaciona em categorias, facilitando o processo de transmissão de informações compiladas ao longo de séculos de prática histórico-social. O ser humano não reinventa suas

descobertas anteriores a cada nova geração, pode prescindir da experiência imediata e estabelecer relações simbólicas cada vez mais sofisticadas. A linguagem reorganiza os processos de percepção, memória e imaginação, influi sobre o pensamento e o reorganiza, complexificando os processos psíquicos em níveis superiores.

Ao prenunciar, na relação entre pensamento e linguagem, a interseção denominada pensamento verbal, Vygotsky sinaliza para a relevância da significação como uma característica fundamental do ser social, a nosso ver, de extrema importância para as discussões em torno do ensino de língua escrita. Pautados numa concepção de desenvolvimento humano que descarta a possibilidade de atrelar-se a formação das funções superiores à herança genética (ao contrário do que parece ser a tônica nas discussões pedagógicas em muitas de nossas escolas) e ressaltando-se o papel de uma mediação pedagógica intencional, será possível repensar os desafios postos no cotidiano escolar.

Nesse sentido, concordamos que o postulado vygotkiano, se não trouxe soluções, pelo menos apontou rumos para discussões no campo educacional que podem “mexer com os ânimos” de “posturas fossilizadas” e permitir que se revejam algumas dessas atitudes, como o próprio ensino de língua escrita, que deveria estar ancorado no papel relevante que possui a linguagem para o desenvolvimento humano.

Se levarmos em conta as discussões que ainda estão presentes no cotidiano escolar, veremos resquícios de épocas remotas que ainda permanecem inquestionáveis, como mitos, e resistentes, como fósseis. Todavia, se acreditando-se no movimento e nas possibilidades objetivas/subjetivas da condição humana, há que se acreditar que também as mudanças compõem o campo das possibilidades.

Com base na perspectiva histórico-cultural, ao refletirmos sobre o desenvolvimento humano, deveremos considerar que nos constituímos como tais nas relações que estabelecemos com outros seres humanos no processo de trabalho, no metabolismo ser/natureza, e que nosso desenvolvimento se dará mediante às condições objetivas postas, as finalidades colocadas, as opções feitas. O campo de mediações, ou seja, a teia de relações em que cada ser está imerso, será constitutivo desse ser.

Em vista de todas essas reflexões, ao se pensar na categoria atividade consciente/trabalho como fundamental no processo de humanização, simultaneamente há que se abordar a linguagem, com sua natureza social e simbólica, como constitutiva desse mesmo processo.

Recebido em 26/10/2005 e aceito em 26/01/2006.

Notas

* Doutoranda em Educação (PPGE/UFSC). Bolsista do CNPq. Orientadora: Prof.^a Dra. Nilcéia Lemos Pelandré. Endereço residencial: Rua Maringá, 444, apto 501, Anita Garibaldi, Joinville/SC, CEP: 89.203.590 e-mail: cida.aguiar@gmail.com

¹ O presente texto tem como ponto de partida minha Dissertação de Mestrado, mas com acréscimos de algumas outras reflexões. Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Célia Marcondes de Moraes (AGUIAR, M. A. L. de. **A Relevância da Linguagem para o Desenvolvimento Humano: Contribuições da Perspectiva Vygotskiana para a Educação.** Florianópolis, 1998. 123 p. Dissertação (mestrado em....) Programa de Pós-Graduação em Educação/ Universidade Federal de Santa Catarina).

² A obra de Oliveira, “Reviravolta Lingüístico-pragmática na Filosofia Contemporânea”, sintetiza um estudo da linguagem desde Platão até a atualidade e apresenta um panorama de diversidade teórica e da tendência atual de considerar a linguagem “a questão do século XX”. (OLIVEIRA, 1996).

³ Para ilustrar o que afirmamos sobre a linguagem a partir de Vygotsky e Luria, sugerimos o filme: “A Guerra do Fogo” (A GUERRA, 1981), que apresenta várias tribos em estágios de desenvolvimento variados. A linguagem aparece, a princípio, acompanhando a atividade laboral com função emotiva e comunicativa, só em momentos de maior complexidade ela aparece como reguladora da conduta e planejadora. Vale registrar que o título em inglês é “Quest fire”, que significa a busca do fogo. Parece-nos que esse sentido é mais adequado ao filme.

⁴ Resolvemos utilizar em nosso texto o nome do autor com y no final em virtude de ser esse o uso corrente na maioria das traduções em língua portuguesa.

⁵ As citações retiradas de Vygotski 1993 [1934] e 1995 [1931] são traduções livres da autora deste artigo.

⁶ É interessante fazermos um paralelo com a discussão estabelecida por Marx e Engels em “A Ideologia Alemã”: “A linguagem é tão antiga quanto a consciência? a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e, portanto, existe também para mim mesmo; e a linguagem nasce, como a consciência, da carência, da necessidade de intercâmbio com outros homens” (MARX e ENGELS, 1996 [1845-46], p. 43). É procedente também referenciar Lukács, no texto “O Trabalho” - primeiro capítulo do segundo tomo de sua obra “Por uma Ontologia do Ser Social” - em que o autor apresenta, entre outras, a questão do surgimento da consciência no trabalho humano. No “primeiro impulso para o trabalho, evidencia-se a sua natureza marcadamente cognitiva, uma vez que é, indubitavelmente, uma vitória do comportamento consciente sobre a mera espontaneidade do instinto biológico, o fato de que entre a necessidade e a satisfação imediata seja introduzido o trabalho como elemento mediador” (LUKÁCS, 1981[s/d], p. 31).

⁷ Vygotsky dedica dois capítulos de “Pensamento e Linguagem” para tratar especificamente da formação dos conceitos (VYGOTSKI, 1993 [1934], p. 119-179 e 181-285).

⁸ Recorremos novamente a uma passagem em Lukács, em que este afirma ser a linguagem uma das manifestações do comportamento especificamente humano, que brota do trabalho e que, portanto, “no plano ontológico-genético”, deve ser entendida a partir dele: “... só o distanciamento conceitual dos objetos por meio da linguagem é capaz de fazer com que o distanciamento real que se realizou no trabalho seja comunicável fixado como patrimônio comum de uma sociedade” (LUKÁCS, 1981 [s/d], p. 72).

⁹ Henri Delacroix: (1873-1937), psicólogo francês, especialista em Psicologia Infantil e em Psicologia da Arte (VYGOTSKI, 1993 [1934], p. 89).

¹⁰ São consideradas funções psíquicas superiores: atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos, auto-regulação da conduta etc.

¹¹ James Baldwin (1861-1934), psicólogo, sociólogo e historiador dos Estados Unidos, um dos fundadores da Psicologia Social norte-americana, filósofo idealista, considerou que a lição geral da Psicologia é a de estudar as diferenças individuais. Partidário de introduzir na Psicologia o princípio evolucionista, Baldwin estudava o desenvolvimento da psique da criança desde as posições do biogenetismo (VYGOTSKY, 1995 [1931], p. 168).

¹² Karl Bühler (1879-1963), psicólogo alemão, a partir de 1938 passa a residir nos Estados Unidos. Foi representante da Escola de Wurtzburgo, discípulo de O. Külpe, especialista na psicologia dos processos intelectuais e do desenvolvimento da linguagem (VYGOTSKY, 1993 [1934], p. 89).

Referências bibliográficas

A GUERRA do fogo. Jean Jacques Annaud. Montreal: ICC - Internacional Cinema Corporation, 1981. (100 min.). Filme preto & branco.

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. 9. ed., São Paulo: Ática, 1997.

LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral**. 2. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LUKÁCS, G. **Il lavoro**: per una ontologia dell'essere sociale. Roma: Riunit, 1981. [s/d] (Tradução de Ivo Tonet de 1996 do Cap. I, v.2 - Mimeo)

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. 10. ed., São Paulo: Hucitec, 1996. [1845-1846]

MORAES, M. C.; DUAYER, M. A ética pragmática do neoconservadorismo: Richard Rorty. In: HÜHNE, L. M. [org] et. al. **Ética**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1997. p. 99-139.

OLIVEIRA, M.A. de. **Reviravolta lingüístico-pragmática na Filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1996.

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas II**: (Incluye pensamiento y lenguaje / conferencias sobre Psicología). Madrid: Visor, 1993. [1934]

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas III**: (Incluye Problemas del desarrollo de la Psique) Madrid: Visor, 1995. [1931]

Abstract: This article will approach the role of language in human development in a historical and cultural perspective. I will discuss the established relationship between thought and language, and the consequent formation of consciousness. The work will establish the specificity of written language in its complexity, as the example of a scientific concept, under the view of Luria and Vygotsky. Finally, there will be some considerations about the language as it constitutes the process of humanization that is, as it comes from relationships which the human being has with the nature of the work process.

Keywords: Language; historical and cultural conception; human development.